

***Vagabunda, Seguimento às Memórias de uma atriz (1908 – 1919)*, Mercedes Blasco, 2017; reedição com revisão, notas e atualização coordenada por Fátima Mariano, Isabel Lousada e João Miguel Palma Serrão. Câmara Municipal de Métola / Fundação Serrão Martins**

ALDINIDA MEDEIROS*

Para os que desconhecem a vida e carreira artística de Mercedes Blasco, pseudônimo de Conceição Vitória Marques, o título de seu livro de memórias pode parecer, em um primeiro momento, algo estranho. Todavia, ao mergulhar nas páginas de sua narrativa de vida e de arte percebe-se o porquê do título e, mais ainda, tratar-se de um livro não apenas empolgante como também importante para a compreensão de que muitas mulheres, além daquelas – ainda poucas – mencionadas nos livros de História, ousaram sacrificar sentimentos pessoais e o conforto de uma vida pacata, no modelo social que lhes oferecia a aristocracia ou a burguesia para, fazerem história e História. É quase sempre uma espécie de sacrifício para o artista, pois como reconhece a própria Mercedes Blasco, ao mencionar a falta de reconhecimento em vida, pela qual passaram Sarah Bernhardt e Musset em seus respectivos universos artísticos: “Consolemo-nos, mais dignos de lástima são os que não compreendem uma obra de artedo que essa obra desdenhada” (p. 142). É que, assim como outros seus colegas de infortúnio no campo das artes, configurado na falta de reconhecimento e remuneração adequada ao artista, Mercedes conta-nos o caso de um escritor, cuja vida dedicada às letras portuguesas não lhe rendia, sequer, o pão cotidiano. Neste sentido, em outras passagens, escreve também sobre sua própria situação.

A reedição de seu livro, em nova publicação com fotos e notas explicativas muito se deve, conforme o prefácio do texto indica, ao Centro de Estudos da Mina de São Domingos. E, se em

* Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: aldinidamedeiros@gmail.com

diversas passagens das memórias da atriz encontramos o pão ázimo da má remuneração e falta de conhecimento que ela vivenciou, na parte intitulada *Em Gênova* encontra-se um dos momentos lírico-amoroso da sua escrita, a *Carta a Remi* (p. 101), na qual recorda o momento em que conheceu seu amado “(...) tu, singelamente, sem dar-te conta do teu sublime gesto de redenção, que era ao mesmo tempo uma recompensa, me pediste para ser a tua companheira legal pela vida fora” (p. 102). O encontro é mencionado como resultado da má fé que praticaram contra a atriz em sua viagem para um temporada no Teatro do Rio de Janeiro. Alegando ter sido escorraçada daquela cidade, foi no barco de regresso para Lisboa que conheceu este amor: “o amor absoluto – o amor que nos toma a alma e o cérebro, a vida inteira – conheci-o, enfim, graças a ti. E esta sensação deliciosa, o único bem que tenho gozado na terra, devo-o à má-fé daqueles que me levaram ao Rio de Janeiro (...)” (p. 102).

O casamento com o engenheiro belga Remi teve como fruto dois filhos. O casal instalou-se na Bélgica, onde Mercedes viveu, já viúva, os infortúnios da Primeira Guerra mundial. E por ter se recusado a atuar nos palcos para entretenimento do exército alemão, sua carreira sofreu um declínio vertiginoso. Para sobreviver, foi necessário procurar trabalho e lecionou línguas, além de ter se voluntariado como enfermeira na Cruz Vermelha, na Bélgica. Seus dias de infortúnio se intensificam: além dos problemas e dificuldades financeiras, perde um filho doente. Ao fim da guerra, retorna a Portugal, continua a não ser reconhecida em sua terra natal e, em decorrência da escassez de trabalho, passa ainda por dificuldades financeiras. Perde o segundo filho. Faleceu, pobre, desde a guerra sua vida foi de imensas tristezas e miséria financeira. O fim de seus dias aconteceu sem o reconhecimento que tanto sonhara para sua carreira de atriz.

É desnecessário trazermos para este espaço os dados biográficos mais detalhados de Mercedes Blasco. Estes, a própria atriz nos dá a saber no livro que ora mencionamos. Mas faz-se importante destacarmos ainda dois aspectos: o capítulo sobre o Feminismo, deveras importante para evidenciar a sua postura e o seu pensamento em relação ao tema: “Eu, que nas horas em que o teatro me deixa livre, me comprazo em estudar vários aspectos sociais, que inquietam meu espírito reto e justiceiro, entendo que a mulher pode e deve ser eleitora em todos os países e qualquer que seja a sua condição, sem que esse facto influa nas suas faculdades afectivas.” (p. 130). Mercedes prossegue o tema mostrando a

situação profissional de mulheres na Inglaterra, discorre sobre a luta das inglesas pelo voto e vários outros aspectos da condição e vida das mulheres em sociedade. Dentre suas afirmações importantes, arremata: “Os homens, ilustrados e analfabetos, sóbrios e bêbados, trabalhadores e vadios, votam todos.” (p. 130).

Assim, a leitura de *Vagabunda* (2017) nos traz um imenso sabor a resgate de uma vida que não recebeu o reconhecimento devido em sua época. E porque outros se debruçaram a estudá-la, são acertadas as palavras de Isabel Lousada ao reconhecer os nomes de António Ventura, Júlia Coutinho, Ana Isabel Vasconcelos e Fátima Mariano como ensaístas que trouxeram de um ou outro modo a figura de Mercedes Blasco à tona. A sensibilidade destes assim como também a do grupo que coordenou esta edição é o que nos possibilita ampliar e dar à novas gerações o conhecimento sobre a vida e a arte de Mercedes Blasco. Reconhecimento e justiça para o seu nome é o sentimento que desperta a leitura deste livro, reeditado sob as cuidadosas mãos de uma equipa dedicada, coordenada por Fátima Mariano, Isabel Lousada e João Miguel Palma Serrão, com transcrição realizada, além das duas coordenadoras mencionadas, por Luís Pinheiro e Rosa Fina.

Aldinida Medeiros
João Pessoa, 01/12/2017

